



“EU SOU INDIÃO, EU!”: A PRESENÇA DA SUBJETIVIDADE AMAZONENSE NO GÊNERO ORAL “STAND-UP COMEDY”

Hudson Silva de Azevedo – hudson.silvazevedo@gmail.com

Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus, Amazonas, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6060-2105>

Sérgio Augusto Freire de Souza – sergio_freire@uol.com.br

Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus, Amazonas, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2365-1725>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral avaliar de que maneira o discurso bem-humorado que compõe o gênero oral “stand-up comedy”, amplamente divulgado por meio das redes sociais, contribui para significar a identidade cultural amazonense. Dessa forma, este escrito promove reflexões acerca da subjetividade que integra a região norte do Brasil, além de evidenciar a maneira como esta vem sendo significada e contatada na contemporaneidade através das plataformas digitais, tal como o YouTube. Para tanto, tomou-se por base os discursos sobre as características do gênero oral stand-up comedy (MINTZ, 1985; DEGANI, 2018); e sobre o processo de formação da identidade cultural amazonense (GONDIM, 2007; BENCHIMOL, 2021). Além disso, a pesquisa está situada no campo da Análise de Discurso Francesa (ADF), logo, ampara-se nos métodos de estudo desenvolvidos por Pêcheux (2008) e utilizados por Orlandi (2015) e Freire (2021). Consequentemente, a pesquisa utilizou como corpus os vídeos de stand-up comedy intitulados “Eu sou índio, eu!” e “Fila de piadas cidade - Manaus”. Obtendo resultados que apontam para a presença de dois discursos – o cosmopolita e o caboclo – que compõem a subjetividade do norte do país, significando e reforçando a identidade cultural amazonense mesmo que em um território digital, revestida do riso provocado pelos stand-ups comedy.

PALAVRAS-CHAVE: Stand-up comedy; Identidade cultural Amazonense; Análise de discurso.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade vive um momento muito singular no que diz respeito ao processo de informatização e comunicação. Essa afirmativa se sustenta no fato de vivermos em uma sociedade imersa em mídias sociais que dinamizam e aceleram o acesso a dados e a interação entre interlocutores. Para tanto, com o advento da internet, plataformas digitais foram criadas e com elas surgiram novos gêneros ou gêneros já existentes foram redesenhados, desencadeando comportamentos que merecem a atenção dos pesquisadores de linguagens. Dessa forma, identificamos o stand-up comedy como um dos gêneros textuais que ganharam certa notoriedade no contexto atual, pois apesar de não ser um gênero criado neste século, assim como o meme, o GIF etc., se reinventou e se adaptou à realidade virtual, sendo amplamente propagado pelas redes sociais e, consequentemente, bem-quisto pelo público por tratar de assuntos diversos, desde os mais triviais aos debates mais sérios, em um misto de humor, criticidade e autoidentificação.

Por conseguinte, considerando a produção e compartilhamento, nos meios digitais, de shows de comédia que abordam a subjetividade do norte do Brasil, o objetivo geral desta pesquisa é avaliar de que maneira o discurso bem-humorado que compõe o gênero oral “stand-up comedy”, amplamente divulgado por meio das redes sociais, contribui para significar a identidade cultural amazonense. Dessa forma, buscou-se averiguar a literatura que fundamenta os principais conceitos operacionais utilizados ao longo da pesquisa: gênero oral stand-up comedy e identidade cultural amazonense; analisar a presença do discurso regional nortista no gênero oral stand-up comedy; e investigar de que maneira a presença do discurso regional nortista no gênero oral stand-up comedy determina os valores e identidade cultural amazonense.

Para tanto, este escrito ancorou-se na abordagem qualitativa e utilizou a pesquisa bibliográfica para a definição dos seus principais conceitos operacionais (PAIVA, 2019). Além disso, está situada no campo da Análise de Discurso Francesa (ADF), a fim de examinar a relação entre linguagem, história e sujeito (PEDROSA, 2020) e, assim, a partir de processos específicos de leitura e interpretação, analisar o corpus constituído por dois vídeos publicados na rede social “YouTube”: “Eu sou índio, eu!” e “Fila de piadas cidade - Manaus”.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: de início o leitor é situado sobre os principais conceitos operacionais – seção “2 O gênero oral “Stand-up comedy” (MINTZ, 1985; DEGANI, 2018) e seção “3 A construção da identidade cultural amazonense” (GONDIM, 2007; BENCHIMOL, 2021); em seguida um detalhamento sobre a metodologia adotada ao longo da pesquisa – seção “4 Procedimentos metodológicos” (PAIVA, 2019), subseção “4.1 Análise de discurso” (PÊCHEUX, 2008) e a subseção “4.2 Escolha do corpus” (ORLANDI, 2015); a análise propriamente dita – subseção “4.3 Análise do corpus” (FREIRE, 2021), as subseções “4.3.1 Eu sou índio, eu!” (BERGSON, 2018; BRAGA, 2014) e “4.3.2 Fila de piadas cidade – Manaus” (FREIRE, 2020), e a subseção “4.4 Cotejamento das análises” (FREIRE, 2009; OLIVEIRA, 2014); por fim temos acesso aos “5 Resultados” (SCRIMIM, 2019) – que não garantem interpretações generalizantes, já que a investigação se limita ao material audiovisual definido como corpus – e às “6 Considerações finais”.

2 O GÊNERO ORAL “STAND-UP COMEDY”

A evolução e aperfeiçoamento da comunicação humana é sem dúvida alguma um dos objetos de investigação científica que atrai os olhares de inúmeros pesquisadores, visto que a complexidade e a criatividade com que se desenvolvem as alternativas comunicativas têm se multiplicado ao longo do tempo. Neste contexto, Nunes (2013) destaca a evolução do ser humano sempre atrelada ao campo

tecnológico, fato que proporciona transformações não só comunicativas, mas também sociais, culturais e educacionais.

Desta maneira, a criação das mídias representa um grande divisor de águas, sendo responsável pelo surgimento de novas formas de se estabelecer o elo comunicativo entre os interlocutores, além de evidenciar importantes mudanças comportamentais e socioculturais. Assim, o rádio, a TV e, principalmente, a “internet” são bons exemplos de mídias que atuam diariamente, por meio da dinamicidade e rapidez que caracterizam estas ferramentas, criando, recriando e aproximando os sujeitos através da informação e da comunicação.

É evidente, porém, que a internet exerce, hoje, um papel muito mais destacável que as demais mídias, sendo ela responsável pela propagação de informações e, principalmente, pela disponibilização de espaços virtuais que facilitaram as relações entre grupos com interesses em comum, as chamadas redes sociais digitais (NUNES, 2013). O Facebook, o Instagram, o Twitter e o Youtube são, portanto, alguns bons exemplos destas plataformas contemporâneas que viabilizam a criação e circulação de gêneros textuais, que segundo Marcushi (2010, p. 23) “são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem”.

Nesse sentido, gêneros como “memes”, “GIFs”, “posts” etc. têm ganhado certa notoriedade por circularem em grande proporção no meio digital. Contudo, um outro gênero vem chamando a atenção, não por ser uma invenção contemporânea, mas por ser amplamente disseminado e por ganhar espaços, cada vez mais frequentes, em todas as redes sociais, trata-se do “Stand-up comedy”. De acordo com Degani (2018, p. 26):

[...] atualmente o humor tem figurado em quase todos os espaços, tanto públicos como privados, sobretudo, após o advento tecnológico da internet, que trouxe no seu bojo uma possibilidade de comunicação em nível global nunca antes vista. Parece-nos que, de certo modo, a internet não apenas facilita, mas auxilia também na produção de humor e a sua propagação.

Observa-se, conseqüentemente, que o stand-up comedy, por ser sempre uma construção textual com a intenção de provocar o riso, ganha facilmente os seus receptores virtuais e, apesar de pertencer a um grupo de gêneros considerados muito antigos, “é a mais pura comunicação cômica pública, desempenhando essencialmente os mesmos papéis sociais e culturais em praticamente todas as sociedades conhecidas, passadas e presentes”¹ (MINTZ, 1985, p. 71).

O gênero oral stand-up comedy tem suas raízes fincadas na comédia teatral, comumente realizada na idade média com a presença de bobos da corte, menestréis etc. (MINTZ, 1985). Entretanto, a origem

¹ Tradução minha para: “It is the purest public comic communication, performing essentially the same social and cultural roles in practically every known society, past and presente”.

de espetáculos de comédia stand-up tem origem no século XV, nas tradições do burlesque e vaudeville, ou seja, apresentações individuais destinadas a contação de piadas e histórias em tom satírico (MOREIRA, 2015). Evidentemente, com o tempo, o gênero oral foi assumindo características, definindo-se à maneira como se apresenta nos dias de hoje:

- a) Apresentação individual, em que o humorista se vale, no máximo, de um banquinho, de um microfone e de um pedestal.
- b) É constituído de comentários de situações, os quais devem ser inéditos.
- c) Os temas devem ser elaborados com base nas vivências, no cotidiano do humorista (ANDRADE; OTTONI, 2017, p. 146).

Nota-se no discurso de Andrade e Ottoni que o stand-up comedy, na atualidade, é uma apresentação individual com o intuito de provocar humor e realçar aspectos sociais facilmente identificáveis no cotidiano dos sujeitos. Mintz (1985) acrescenta que esse gênero é comumente subestimado, porém, “[...] é a mais interessante de todas as manifestações de humor na cultura popular”² (MINTZ, 1985, p. 71). Desta maneira, a apresentação deste gênero oral, além do riso, provoca questionamentos, a partir de “[...] piadas [que] destroem, distorcem, deturpam e reordenam padrões usuais de expressão e percepção”³ (MINTZ, 1985, p. 73). Logo, no século XVI, Shakespeare realizava algo similar como um comentarista social, fazendo “uso extensivo da licença tradicional do tolo para fazer com que o observador inocente, mas perspicaz, falasse a ‘verdade’ que era universalmente reconhecida, mas politicamente tabu”⁴ (MINTZ, 1985, p. 76).

O humorista, desta forma, produz um monólogo cheio de estratégias que conduz os seus ouvintes ao humor e ao reconhecimento ou autorreconhecimento de características socioculturais inerentes ao comportamento humano. Nesse contexto, destaca-se o punchline, técnica que procura romper com o sentido comum, surpreendendo os telespectadores (DEGANI, 2018), além da paráfrase e da polissemia, importantes ferramentas neste diálogo entre o comediante e o público, promovendo, assim, um entrelaçamento entre o discurso que se mantém e os múltiplos sentidos explorados e que possibilitam novas significações discursivas (DEGANI, 2018).

O stand-up comedy, ao promover esta experiência de piadas públicas, estabelece um elo entre os ouvintes, ou seja, as risadas compartilhadas e a celebração conjunta de algo que está sendo ridicularizado permite a construção de uma pequena comunidade (MINTZ, 1985). O comediante, por conseguinte, atua “[...] como um xamã, conduzindo-nos a uma celebração de uma comunidade de cultura

² Tradução minha para: “[...] is the most interesting of all the manifestations of humor in the popular culture”.

³ Tradução minha para: “[...] jokes tends to be subversive; in other words, jokes tear down, distort, misrepresent, and reorder usual patterns of expression and perception”.

⁴ Tradução minha para: “[...] extensive use of the fool’s traditional license to have the innocent but sharp, shrewd observer speak the ‘truth’ which was universally recognized but politically taboo”.

compartilhada, de compreensão e expectativa homogêneas”⁵ (MINTZ, 1985, p. 74). Assim, Mintz evidencia o caráter identitário que compõe o stand-up comedy:

[...] na medida em que podemos nos identificar com sua expressão ou comportamento, reconhecê-lo secretamente como reflexo de tendências naturais na atividade humana, se não socialmente aprovadas, ou afirmá-lo publicamente sob o disfarce de ‘mera comédia’ ou ‘brincadeirainha’, ele pode tornar-se nosso porta-voz cômico [...]”⁶ (MINTZ, 1985, p. 74).

O comediante produz muito mais que humor, ele oportuniza os seus ouvintes a uma experiência de contato com a sua identidade, assim, ao ouvir uma piada e achá-la engraçada expõe não só o seu sorriso, mas um sistema de valores do qual faz parte. Logo, o contrário disto “[...] não irá fazer nenhum sentido, não despertará nenhum gatilho de humor, e poderá até chegar a ser interpretado como algo de mau gosto e politicamente incorreto” (MOREIRA, 2015, p. 24-25). O comediante assume, portanto, o status de antropólogo contemporâneo (MINTZ, 1985), ressaltando o humor como “[...] fenômeno social e cultural de vital importância [...]”⁷ (MINTZ, 1985, p. 71).

3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL AMAZONENSE

As expressões “cultura e identidade” estão intrinsecamente relacionadas à subjetividade de todo e qualquer sujeito. Consequentemente, o conjunto de práticas e manifestações socioculturais que compõe o comportamento diário dos seres humanos está ligado a um processo de construção do “eu” em contato com o “outro”. Por isso, o estudo destes termos revela-se complexo, principalmente quando associados a uma comunidade em particular, como é o caso exposto neste escrito.

Inicialmente, entendamos o que é cultura a partir da concepção estrutural proposta por Thompson (2011, p. 166), que afirma que “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados”. Nesse sentido, o autor destaca não apenas a representação e/ou significado das manifestações e expressões dos sujeitos, mas também a importância de os entender em um contexto social estruturado específico, identificando e incluindo os sujeitos a uma comunidade.

Dessa maneira, torna-se evidente que “cada cultura tem a sua lógica própria, que revela um encadeamento de sentidos, pensamentos e ações que conformam a especificidade das culturas em si, de acordo com sua origem histórica e o território habitado” (BARROSO, BONETE; QUEIROZ, 2017, p.

⁵ Tradução minha para: “[...] he serves as a shaman, leading us in a celebration of a community of shared culture, of homogenous understanding and expectation”.

⁶ Tradução minha para: “Yet to the extent that we may identify with his expression or behavior, secretly recognize it as reflecting natural tendencies in human activity if not socially approved ones, or publically affirm it under the guise of ‘mere comedy,’ or ‘just kidding,’ he can become our comic spokesman [...]”.

⁷ Tradução minha para: “[...] this one will argue that humor is a vitally important social and cultural phenomenon [...]”.

42), logo, “[...] a identidade se refere a como você é identificado em uma determinada cultura, ou seja, ela apresenta suas características em termos do seu reconhecimento no mundo” (BARROSO, BONETE; QUEIROZ, 2017, p. 70-71). Diante disso, percebe-se que a produção cultural, simbolicamente, é uma extensão da subjetividade de cada sujeito, fato que produz um sentimento de identificação que vai da individualidade à coletividade.

Partindo dessas definições, para compreender como se construiu e o que significa hoje a “identidade cultural amazonense” é necessário um pequeno mergulho até as raízes da subjetividade da região norte do país. Assim, Gondim (2007), por meio de seus estudos, ressalta o contato entre o velho e o novo mundo, o europeu e o índio, situação que produziu um choque cultural inevitável, além de vários escritos (crônicas) peculiares sobre a região, ou seja, “[...] diante do rio e da mata amazônicas, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial” (GONDIM, 2007, p. 97). A Amazônia, por conseguinte, não foi descoberta, mas sim inventada pelo europeu, a partir da imaginação e da fantasia despertadas diante da grandiosidade do novo. Assim, lendas e mitos cultivados pela subjetividade europeia ganharam força e incentivaram novos aventureiros a desbravar a região.

Dessa forma, o território que hoje conhecemos como Amazonas foi “descoberto”; a autoria do feito pertence ao espanhol expedicionário Francisco Orellana, mas os registros sobre as primeiras impressões foram produzidos por Gaspar de Carvajal (AMAZONAS..., 2020; GONDIM, 2007). Dessa forma, no Amazonas, agora terra das lendárias mulheres guerreiras, deu-se início a um longo processo de colonização, realizado principalmente pelos portugueses que se depararam com um povo resistente e com características muito particulares (BENCHIMOL, 2021). Portanto, o Amazonas cresceu sobre forte influência portuguesa, sendo este um traço marcante da cultura local.

A fim de assumir um protagonismo político e uma identidade de fato amazonense, o Amazonas conquista a sua independência em 5 de setembro de 1850, por meio da Lei 592, assumindo o status de “Província do Amazonas”, desfazendo assim a relação de dependência que existia entre Amazonas e Pará (NASCIMENTO FIGUEIREDO, 2011). Esse acontecimento histórico foi importantíssimo para os sujeitos que habitavam e que hoje habitam a região, realçando um sentimento de pertencimento individual e coletivo.

Outro evento que marca a história e a construção cultural/identitária do Amazonas é o período da borracha, reconhecido pela intensa extração do látex e comercialização da borracha, transformando abruptamente a economia do norte do país (AMAZONAS..., 2020). Manaus e Belém simbolizavam a riqueza local, sendo comparadas às belas cidades da Europa (SOUZA, 2010), entretanto, os adornos e arquitetura que as enfeitavam deram lugar a um cenário de miséria e pessimismo com a crise econômica que se instaurou e “[...] produziu um vazio de identidade nos deserdados da era do ‘fausto’ [...]”

(NASCIMENTO FIGUEIREDO, 2011, p. 148). Nesse contexto, a cultura da região norte transfigurou-se, ganhando novos tons e sabores, frutos das transformações socioeconômicas e dos processos migratórios.

Mais adiante, o amazonense é apresentado à Zona Franca de Manaus, “[...] um projeto de desenvolvimento socioeconômico implantado através da Lei Nº 3.173 de 6 de junho de 1957, que reformulava, ampliava e estabelecia incentivos fiscais para implantação de um polo industrial, comercial e agropecuário [...]” (AMAZONAS..., 2020, p. 28). Desse modo, Manaus, a capital amazonense, retoma certo protagonismo socioeconômico na região Norte, fato que ocasionou um inchaço demográfico resultado de processos migratórios e imigratórios constantes, além de ganho evidente em diversidade cultural.

Considerando todo esse contexto, construído a partir de dados históricos, entende-se a complexidade ao se pensar em identidade cultural amazonense. Por essa razão, os próprios moradores destas terras em dados momentos sentem-se perdidos ou deslocados neste labirinto identitário aqui construído. Entretanto, Freire (2009), por meio de seus estudos, identifica dois discursos que compõe a subjetividade do amazonense e que ajuda a explicar esta complexidade e determinadas posturas assumidas pela população:

Na constituição dos discursos fundadores de Manaus, aparecem como lugares de memória, por um lado, a Belle Époque do Ciclo da Borracha, a implantação da Zona Franca e a escolha da cidade para ser subsede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Por outro lado, tem-se os lugares do Inferno Verde, do Pulmão do Mundo, do Ambientalismo, da maior reserva de biodiversidade do mundo. Esses dois conjuntos de lugares ou de espaços de memória fundam e fundem a subjetividade manauara em dois grandes discursos fundadores: o discurso da Manaus Cosmopolita e o discurso da Manaus Cabocla (FREIRE, 2009, p. 6).

Dessa forma, nota-se que a subjetividade do manauara, e por extensão do amazonense, é construída em meio a dois discursos – o cosmopolita e o caboclo – fato que revela uma “identidade dual”, pois negar um destes é “dar as costas” à parte da história local que compõe o “eu-amazonense”. Assim, Freire (2009) nos apresenta o neocaboclo, aquele que entende a “necessidade de circulação entre o global fugaz e o local mediato” (FREIRE, 2009, p. 7). Em suma, a cultura e a identidade amazonense é fruto das experiências históricas vivenciadas neste solo, o que significa acolher igualmente o verde da grande floresta e o cinza da grande metrópole.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo da linguagem, situado no campo da Análise de Discurso Francesa (ADF). Esse método “tem como função analisar a relação entre linguagem, história e sujeito (ideológico e do inconsciente)” (PEDROSA, 2020, p. 52), concordando, assim, com o objetivo que norteia a construção desta pesquisa: “Avaliar de que maneira o discurso bem-humorado que compõe o gênero oral “stand-up comedy”, amplamente divulgado por meio das redes sociais, contribui para significar a identidade cultural amazonense”.

Dessa maneira, esta pesquisa define-se também como “qualitativa” (PAIVA, 2019, p. 13) e “explicativa” (PAIVA, 2019, p. 14), além de utilizar como método de procedimento a “pesquisa bibliográfica – de fontes primárias e secundárias” (LAKATOS; MARCONI, 2018, p. 33).

4.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Uma vez que o método sobre o qual se desenvolve a pesquisa é a Análise de Discurso (AD), há a necessidade de alguns esclarecimentos. Primeiramente, entender que “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2015, p. 15), ou seja, analisar discursos requer olhar para a língua como um elemento essencial na construção do homem e da sociedade, observando, desta forma, o seu papel histórico na produção de discursos que compõe a subjetividade de cada ser ou grupo de seres. Nesse sentido, o tripé “língua-discurso-ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 17) constitui toda e qualquer manifestação comunicativa, embora nem sempre de forma explícita.

A AD, por conseguinte, atua por meio de um processo de leitura e interpretação, tentando evidenciar “as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 2008). Nesse sentido, explorar os sentidos e buscar explicações para falas que se desenvolvem no meio histórico-social compreende os estudos discursivos.

4.2 ESCOLHA DO CORPUS

Segundo Orlandi (2015, p. 27) “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. Assim, uma pesquisa que utiliza a AD como método precisa de algumas definições, tal como o conceito-análise, que neste é a “identidade cultural amazonense”.

Quanto ao corpus será composto por dois vídeos publicados na rede social “YouTube”. Ambos possuem como conteúdo apresentações de stand-up comedy: “Eu sou índio, eu!”⁸, do comediante amazonense Roger Siqueira, e “Fila de piadas cidade - Manaus”⁹, do grupo “4 amigos” formado por Afonso Padilha, Thiago Ventura, Dihh Lopes e Márcio Donato. Assim, as duas produções audiovisuais demarcam o limite interpretativo sobre o qual se desenvolve a análise. Além disso, é importante destacar que o conteúdo apresentado nos vídeos atende a um critério básico: a produção de piadas ressaltando aspectos culturais da região norte do país, mais particularmente do estado do Amazonas.

Uma vez estabelecido o conceito-análise e o corpus encaminharemos à análise propriamente dita, momento que exigirá um importante exercício de leitura e interpretação, objetivando “localiz[ar] o sentido construído pelo texto dentro de algum discurso [...] evidenci[ando] o funcionamento da ideologia na textualização” (FREIRE, 2021, p. 33).

4.3 ANÁLISE DO CORPUS

Partindo da premissa de que “o texto é o objeto teórico do discurso” (FREIRE, 2021, p. 30), os dois stand-up comedy escolhidos – “Eu sou índio, eu!” e “Fila de piadas cidade - Manaus” – classificados como gêneros orais, correspondem à materialidade linguística selecionada como corpus desta pesquisa, sobre a qual far-se-á a leitura analítica, tomando como base, neste momento, a seguinte pergunta heurística: “como o texto constrói o conceito-análise?” (FREIRE, 2021, p. 32).

4.3.1 Eu sou índio, eu!

O stand-up comedy “Eu sou índio, eu!”, produzido pelo amazonense Roger Siqueira, ilustra de maneira cômica um pouco da subjetividade que integra o núcleo familiar de boa parte dos habitantes da região norte, fato expresso na sua fala inicial, ao apresentar a sua vó – personagem importante para o desenvolvimento do stand-up em análise: “[...] Minha vó é uma índia peruana. Minha vó é uma índia guerreira. Minha vó é uma curandeira da selva. Minha vó é aquelas velha que a gente vê todo domingo no Fantástico. Nuntem essas velha estranha de beira de rio? Essa é minha vó!” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 04:20 – 04:29). Desta maneira, o comediante aproxima e contextualiza ao público os caminhos que serão adotados para o desenvolvimento da sua apresentação oral. Mais adiante Roger Siqueira acrescenta: “Minha vó é essas véia. Aquelas véia que cura tudo ou com andiroba ou com sebo

⁸ ROGER SENDO ROGER. *EU SOU INDIÃO, EU!* - Roger Siqueira / Stand Up Comedy. YouTube, 14 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EkWnoxidib48>. Acesso em 24 jan. 2023.

⁹ 4 AMIGOS STAND UP COMEDY. *FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS*. YouTube, 10 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A4lmrsbR4nk>. Acesso em 24 jan. 2023.

de holandã. [...] Velha raiz!” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 04:30 – 04:38). Nota-se que o humorista se utiliza de memórias e traços da cultura local para a construção de seu monólogo e provoca o riso, neste primeiro momento, por fazer o público se reconhecer em suas reminiscências, reforçando o que afirma Bergson (2018, p. 40), “o riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social”.

O comediante continua e faz uma revelação sobre a sua avó: “[...] o sonho dela era comprar uma casa em Manaus [...]. E a parte triste dessa história é que minha vó não chegou a realizar esse sonho. Ela acabou comprando uma casa no Jorge Teixeira mesmo” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 04:52 – 05:10). Essa revelação, em forma de piada, satiriza um movimento migratório por melhores condições de vida comum em nossa região, fato que resulta no surgimento de bairros mais pobres e marginalizados, tal como o Jorge Teixeira, que compõem a capital Manaus. Assim, esse trecho do stand-up comedy confirma que a insensibilidade normalmente acompanha o riso (BERGSON, 2018), pois, no lugar de uma solidariedade compassiva diante do cenário apresentado, nos deparamos com um riso debochado, concordante e coletivo.

A apresentação se desenvolve e o humorista narra um pouco mais sobre a sua relação com as particularidades do norte do país: “A ameaça que toda avó amazonense faz pros neto. Se tu não passar de ano, tu vai voltar pro interior!” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 11:09 – 11:17). Ao provocar o riso com essa fala, Roger Siqueira estabelece um contraste, significando a metrópole como algo bom, e o interior do Amazonas como algo ruim. Situação que corrobora com o discurso de que “Manaus nasceu debruçada sobre o rio Negro, mas diz que nasceu de costas para ele” (BRAGA, 2014, p. 38), ou seja, nega as raízes caboclas, valorizando apenas o que é urbano.

Mais adiante Roger Siqueira conta outra história envolvendo a sua avó: “Um belo dia eu estava em casa. Minha vó me ligou, aí falou: quero que você passe aqui em casa amanhã de manhã bem cedo e me leve pra comprar farinha” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 17:19 – 17:28). O desenvolvimento desta narrativa provoca muitos risos, principalmente por envolver dois elementos simbólicos da região norte o “Mercado Municipal Adolpho Lisboa” e, principalmente, a “farinha”, que segundo o dicionário Amazonês é um grão que se come com tudo (FREIRE, 2020), logo, está intimamente ligada ao cotidiano e à subjetividade local.

Em seguida o comediante compartilha com o público o recebimento de um convite inusitado para realizar “[...] um show de stand-up, dentro de um avião, com o trecho Manaus - Parintins. Na época do festival folclórico” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 25:12 – 25:20). Roger conta que diante desta situação nova em que se encontrava, teve a brilhante ideia de vender “bala de mangarataia” – guloseima de gengibre (FREIRE, 2020) - tal qual um vendedor ambulante, como é costume no transporte coletivo da cidade: “Atenção, senhoras e senhores passageiros, desculpa se eu tô incomodando

a viagem de vocês, mas essa aqui não é a minha intenção, eu tô aqui pra vender o meu produto, que é a incrível bala de mangarataia [...]” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 38:56 – 39:05). O humor – provocado e evidenciado neste caso – apresenta-se, mais uma vez, como “uma espécie de gesto social” (BERGSON, 2018, p. 45), ou seja, a identificação entre o público e os elementos que constituem o universo cultural local presentes no stand-up comedy em questão, reforçam o sentimento de grupo/comunidade.

Já no fim da apresentação, o humorista não só enfatiza o sentimento de pertencimento, como também destaca as diferenças culturais entre as regiões do Brasil, evidenciando a maneira como o sujeito amazonense é, algumas vezes, caracterizado pelo morador de outra região: “Ih, ó o cabocão, o índio aí, ó. Só malária, afasta!” (“EU SOU INDIÃO, EU”, 2020, time code: 49:14 – 49:26). Dessa forma, Roger Siqueira ilustra um certo conflito cultural que há em virtude da diversidade existente no Brasil, uma vez que cada sujeito utiliza como referência do que é certo ou errado, a sua cultural de origem (BARROSO, BONETE; QUEIROZ, 2017).

4.3.2 Fila de piadas cidade – Manaus

No stand-up comedy “Fila de piadas cidade – Manaus” nos deparamos com quatro humoristas - Afonso Padilha, Dih Lopes, Thiago Ventura e Márcio Donato – que compõem o grupo “4 amigos”. O show de comédia em destaque foi realizado em Manaus e aborda questões particulares da cultura local, entretanto, é importante destacar que três dos integrantes são oriundos do Sudeste (São Paulo) do país e um deles do Sul (Afonso Padilha, do Paraná), ou seja, as piadas produzidas são frutos de pesquisas e não de experiências diárias vividas por um morador da região.

O show inicia com Afonso Padilha, falando sobre uma particularidade da grande metrópole manauara: “[...] a gente começou com atraso, queria pedir desculpa pra vocês por a gente ter atrasado o show, é que a gente tava preso na Djalma” (“FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS”, 2017, time code: 01:36 – 01:42). Nesse caso o comediante ironiza o comportamento dos manauaras ao utilizarem “o trânsito da Avenida Djalma Batista” como desculpas para todo e qualquer atraso, assim, contextualiza e promove a identificação dos ouvintes com aquilo que está sendo narrado. Mais adiante é possível identificar outro trecho com o mesmo intuito: “Eu cheguei hoje, mas já sou... eu posso me sentir um cidadão manauara, sabia?! [...] Porque, eu comi um x-caboquinho, eu tomei um guaraná baré e eu beijei a Patixa Teló” (“FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS”, 2017, time code: 04:26 – 04:43).

Em seguida Dih Lopes, conhecido por narrar piadas mais ásperas, produz duas críticas, a primeira de teor político – “[...] a Amazônia é o pulmão do mundo. Pô, se a Amazônia é o pulmão, o ex-governador José Melo é o derby” (“FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS”, 2017, time code: 05:04 – 05:11) –

e a segunda um pouco mais trivial – “[...] os cara construíram uma sauna... em Manaus?! Não faz sentido [...]” (“FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS”, 2017, time code: 06:49 – 06:53). Assim, o humorista, a partir de suas piadas, reforça o fato de que “[...] o riso esconde um entendimento prévio, [...] quase uma cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários” (BERGSON, 2018, p. 39).

Na sequência temos Thiago Ventura, que narra um diálogo sobre as regiões consideradas mais perigosas de Manaus: “Eu vi um maluco todo mal-encarado, assim ó. Eu falei: – Esse aí é de quebrada? / – Esse aí é galeroso” (“FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS”, 2017, time code: 08:41 – 08:45). O humorista provoca muitas risadas, com destaque à ênfase dada ao dialeto local, por meio da expressão “galeroso” que significa “membro de galera” (FREIRE, 2020, p. 77), ou seja, um grupo de maus elementos. Evidenciando, assim, a fala de Freire (2020, p. 9): “Um dos índices de identidade mais forte que conhecemos é a língua”. Entretanto, é importante ressaltar que há uma diferença entre as expressões “ser de quebrada” e “ser galeroso”, a primeira expressão, comumente presente na fala de Thiago Ventura, diz respeito às pessoas que vivem na periferia das grandes metrópoles e que, por isso, são expostas a experiências deste meio (linguagem, condição econômica, violência etc.); já a segunda expressão, além de representar parte da população que mora nas zonas periféricas da cidade, identificam aqueles que, de fato, praticam delitos e, portanto, são considerados perigosos.

Por fim, Márcio Donato que arranca muitas palmas, em sinal de aprovação, ao proferir a seguinte frase: “Pra você que vai assistir essa fila na internet, queria deixar um recado pra você e pra todo o Brasil que vai assistir essa fila: Manaus não tem só índio [...]” (“FILA DE PIADAS CIDADE – MANAUS”, 2017, time code: 11:08 – 11:14). O comediante ressalta um comportamento comum relacionado àqueles que habitam outras regiões do Brasil, isto é, um julgamento equivocado sobre a população e os costumes manauaras, ao mesmo tempo, Márcio ajuda a externar um sentimento de negação à raiz indígena que faz parte da subjetividade da região, tal como aponta Etelvina Garcia: “Manaus, deslumbrada, virou as costas para si mesma, achou que podia deixar de ser aldeia-porto mestiça, para ser Liverpool e ganhar até ‘cara sardenta e olhos azuis” (BRAGA, 2014, p. 40).

4.4 COTEJAMENTO DAS ANÁLISES

Os dois stand-ups comedy analisados – “Eu sou índio, eu!” e “Fila de piadas cidade - Manaus” – possuem como ponto de convergência a temática que se desenvolve ao longo dos shows. Em ambos os vídeos a identidade cultural amazonense é explorada, promovendo um sentimento de identificação que provoca o riso dos ouvintes. Entretanto, os textos também divergem, pois, ao analisarmos o quesito autoria, observamos que o texto “Eu sou índio, eu!” é produzido por um amazonense, Roger Siqueira, que utiliza as suas memórias como ponto de partida para a construção de suas piadas; já o texto “Fila de

piadas cidade - Manaus” é produzido por quatro integrantes – Afonso Padilha, Dih Lopes, Thiago Ventura e Márcio Donato – que habitam outras regiões do país (sudeste e sul), logo, as piadas narradas nascem como frutos de pesquisa e, dessa forma, é perceptível os sentimentos de surpresa e/ou estranheza, por parte dos humoristas, diante do diferente, isto é, do choque cultural eminente.

Ademais, a presença de ideologias que integram discursos nortistas é perceptível em ambos os shows de comédia, de um lado o discurso cosmopolita e do outro o discurso caboclo, corroborando a fala de Pêcheux (1995, p. 91): “[...] a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados [...]”.

Assim, o discurso cosmopolita se relaciona à grande metrópole, às indústrias, à tecnologia, ao urbano e àquele “quê de exterioridade” impregnado à subjetividade da capital (FREIRE, 2009), características ideológicas identificáveis na fala de Roger Siqueira ao narrar o desejo de sua avó de morar em Manaus, o grande centro econômico do Norte, e ao contar sobre a ameaça proferida por sua avó, “se você não passar de ano, vai voltar ao interior”, fato que realça o contraste entre uma urbanidade valorizada, e uma floresta e seus rios (a vida do interiorano) inferiorizados. Além disso, o humorista também explora outros aspectos urbanos, tal como a marginalização de bairros e a presença de ambulantes como elementos que simbolizam o dia a dia do amazonense que vive na capital. O comediante Afonso Padilha também consegue ilustrar o discurso cosmopolita ao realçar um traço comum de toda grande metrópole, o trânsito, mas neste caso, com ênfase ao local, citando a Avenida Djalma Batista. Dih Lopes e Thiago Ventura também chamam a atenção de seus ouvintes para o cenário urbano, o primeiro para as grandes construções que integram a paisagem manauara, e o segundo para a violência que acompanha os grandes centros urbanos.

Quanto ao discurso caboclo, está associado ao verde das florestas, aos rios, à biodiversidade e às lendas e mitos criados sobre a região (FREIRE, 2009), características ideológicas também identificáveis nas apresentações de stand-up comedy. Roger Siqueira evidencia esse discurso por meio de sua vó, uma índia, que morava na beira do rio, com conhecimentos da medicina oriunda da floresta e com hábitos típicos da cultura ribeirinha, como observado no seu apreço pela farinha (alimento típico da culinária amazonense). Dih Lopes também insere em sua fala o discurso caboclo, ou melhor dizendo, um discurso inclinado à “ideologia do verde” sobre o qual os caboclos concordam e que é reconhecido nacional e mundialmente por evidenciar a biodiversidade da região norte do Brasil, ao proferir a frase: “a Amazônia é o pulmão do mundo”.

Ao final dos dois stand-ups comedy nos deparamos com situações parecidas narradas por Roger Siqueira e por Márcio Donato. Os humoristas destacam a maneira como os termos índio e caboclo, elementos significativos para a subjetividade da região – principalmente relacionados ao discurso caboclo – são utilizados de maneira pejorativa por habitantes de outras regiões do Brasil. Ao mesmo tempo, os

comediantes ajudam a destacar a supremacia do discurso cosmopolita na capital (já que os shows foram apresentados em Manaus), pois o riso ou as palmas em tom de concordância/aprovação após as respectivas falas de cada um dos humoristas, reforçam um sentimento de negação à ideologia do verde, dos rios etc. (BRAGA, 2014; OLIVEIRA, 2014).

5 RESULTADOS

O filósofo francês Michel Pêcheux afirma que o ser humano é um animal ideológico (PÊCHEUX, 1995), assim nenhuma relação comunicativa realiza-se sem a presença de um plano de fundo constituído de ideias e valores. Nesse contexto, os stand-ups comedy analisados não fogem a essa máxima, ainda que sem uma intencionalidade clara, os discursos cosmopolita e caboclo apresentam-se camuflados por piadas que utilizam a subjetividade amazonense como principal elemento de suas narrativas. Orlandi (2015) atribui a este fenômeno a expressão “esquecimento ideológico”: “Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (ORLANDI, 2015, p. 35).

Dessa maneira, os stand-ups comedy e os comediantes destacados neste escrito cumprem a seguinte função: reforçar características que singularizam uma comunidade, uma vez que “nosso riso é sempre o riso de um grupo (BERGSON, 2018, p. 39). Logo, com o auxílio da ampla propagação nas redes sociais, torna-se um gênero que além de significar a identidade de um povo, promove experiências identitárias aos seus ouvintes/receptores, reforçando a fala de Scrimim (2019, p. 64): “as redes sociais vão muito além de uma simples forma de entretenimento interativo. São, também, uma forma de gerar comportamentos e disseminar novas formas de pensar, atuando sobre @s sujeit@s e populações”. Nesse sentido, a identidade cultural amazonense ganha um aspecto glocal, não sendo mais reconhecida e significada somente no norte do país, já que as mídias têm o poder de romper estas fronteiras.

Por conseguinte, há quem se identifique mais com o discurso cosmopolita, ou quem tenda ao discurso caboclo, todavia, os stand-ups comedy “Eu sou índio, eu!” e “Fila de piadas cidade - Manaus” são personificações do ideal identitário do povo amazonense, o “neocaboclo”, “esse sujeito precisa contemplar sua dupla gênese: dar conta da exogenia constitutiva sem deixar de levar em conta a endogenia fundante” (FREIRE, 2009, p. 7). Assim, a identidade cultural amazonense constitui-se desta dualidade discursiva, que tal como ying-yang são elementos que se diferem em sua essência, mas que se complementam para a formação de um todo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade de textos que nos cercam hoje é proporcional ao número de discursos que são proferidos e replicados por meio das redes sociais. Nesse sentido, o gênero oral stand-up comedy apresenta-se como um dentre uma variedade de textos que circulam nos espaços virtuais levando humor e reforçando ideias construídas sócio-historicamente pelos sujeitos e suas respectivas comunidades.

Dessa forma, ao se analisar especificamente o gênero stand-up comedy, observou-se que este possui grande potencial para significar e propagar ideologias, uma vez que possui em sua essência o despertar de um riso que não se realiza individualmente, mas sim em grupo, ou seja, o comediante, visto como um importante antropólogo da contemporaneidade, constrói uma narrativa que proporciona experiências identitárias, expressas em forma de gargalhadas, palmas e expressões assertivas do público.

Nesse contexto, os stand-ups comedy analisados nesta pesquisa, por possuírem em seu desenvolvimento discursos que contemplam a subjetividade da região norte, proporcionam aos seus ouvintes experiências identitárias que realçam a história, a memória e a cultura cultivada neste solo. Além disso, o dualismo discursivo – cosmopolita e caboclo – que constrói a identidade amazonense realça e explica posturas assumidas por moradores da região, ao ponto de negarem uma das duas partes que integram o todo, o eu-amazonense.

Este artigo, portanto, evidencia algo que já é marcante nos trabalhos de AD: nenhum discurso está livre de uma ideologia. Até mesmo os mais triviais que compõem o cotidiano de cada sujeito. Assim, os stand-ups e outros gêneros que circulam nos meios digitais, bem como a significação da identidade cultural amazonense, merecem a atenção dos pesquisadores de linguagens que buscam compreender e analisar fenômenos linguísticos e culturais frequentes nas relações comunicativas.

7 REFERÊNCIAS

AMAZONAS Educativo. 1. ed. *Manaus*: Editora Formato 2, 2020.

ANDRADE, Valdete Aparecida Borges; OTTONI, Maria Aparecida Resende. Caracterização do gênero stand up. *Olhares & Trilhas*, Uberlândia, v. 19, n. 2, 2017.

BARROSO, Priscila F.; BONETE, Wilian J.; QUEIROZ, Ronaldo Queiroz de M. *Antropologia e Cultura*. Porto Alegre: SAGAH, 2017. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595021853/>. Acesso em: 04 out. 2022.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – formação social e cultural*. 4. ed. Manaus: Editora Valer, 2021.

BERGSON, Henri. *O riso*: Ensaio sobre a significação do cômico. Título original: *Le Rire*. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Cappello; Introdução de Débora Cristina Morata Pinto. São Paulo: Edipro, 2018.

- BRAGA, Hudson. *Contradições Persistentes*. Valer Cultural: Vidas ameaçadas, Manaus - AM, ano II, n. 10, p. 28-41, maio 2014.
- DEGANI, Marina Costa et al. *A (des) graça do humor*. Humor e Gênero no Stand up Comedy brasileiro a partir da Análise do Discurso. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2018.
- FREIRE, Sérgio. *Janus, o caboclo high-tech*: discursos fundadores e a cultura em Manaus. Manaus, 27 de maio, 2009.
- FREIRE, Sérgio. *Amazonês*: termos e expressões usados no Amazonas. 3. ed. Manaus: Valer, 2020.
- FREIRE, Sérgio. *Análise de discurso*: procedimentos metodológicos. 2. ed. Manaus: EDUA, 2021.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho Científico*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.
- MINTZ, Lawrence E. Standup Comedy as Social and Cultural Mediation. *AmericanQuarterly*, v. 37, n. 1, Special Issue: American Humor, p. 71-80, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2712763>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- MOREIRA, Ester Roberta Cardoso. *Desvendando as Punch-line*: construção e compreensão de sentidos na comédia de stand-up sob a perspectiva da linguística cognitiva. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- NASCIMENTO FIGUEIREDO, Aguinaldo. *História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2011.
- NUNES, Rosemeri Coelho. *Mídias aplicadas na educação e AVEA*. 2. ed. rev. Florianópolis: IFSC, 2013.
- OLIVEIRA, José Alcimar de. *Cultura História e Memória*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2014.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2015.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento; Tradução: Eni P. Orlando. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- PEDROSA, Geceilma Oliveira. *Discurso surdo*: uma reversibilidade de efeitos de sentido entre o poder surdo e a resistência. 2020. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SCRIMIM, Nayara Dias. *A influência das redes sociais na subjetividade d@s sujeit@s contemporâne@s*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SOUZA, Márcio. *A Expressão Amazonense*. Manaus: Editora Valer, 2010.

THOMPSON, John B., *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Title

“I am Indian, me!”: the presence of amazonian subjectivity in the oral genre “stand-up comedy”.

Abstract

The goal of this essay is to examine how the funny language that makes up the oral form of "stand-up comedy," which is extensively shared through social networks, influences how the Amazonian cultural identity is represented. As a result, this article encourages observations on the subjectivity that unites the northern area of Brazil while also demonstrating how it has been represented and contacted in modern times via digital platforms like YouTube. This analysis was based on discussions of the traits of the oral stand-up comedy subgenre (Mintz, 1985; Degani, 2018) and the evolution of the Amazonian cultural identity (Gondim, 2007; Benchimol, 2021). Additionally, because the study is based on French Discourse Analysis (ADF), it is backed by research techniques created by Pêcheux (2008) and applied by Orlandi (2015) and Freire (2021). As a result, the stand-up comedy videos "I'm Indian, me!" and "Jokes queue, city - Manaus" were employed as the research corpus. Findings that indicate the existence of two discourses—the cosmopolitan and the caboclo—that make up the subjectivity of the country's northern region, defining and reiterating the Amazonian cultural identity even in a digital environment laced with laughter from stand-up comedy.

Keywords

Discourse analysis; stand-up comedy; Amazonian cultural identity.

Recebido em: 06/02/2023

Aceito em: 25/04/2023